

JONATHAN HIRT

**RESGATE HISTÓRICO DA CULTURA INDÍGENA: TERRA INDÍGENA
QUEIMADAS ETNIA KAINGANG**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca do Curso de Especialização em Educação do Campo da Universidade Federal do Paraná. Como requisito parcial para obtenção do grau de especialista.

MATINHOS

2011

RESGATE HISTÓRICO DA CULTURA INDÍGENA: TERRA INDÍGENA QUEIMADAS ETNIA KAINGANG

Jonathan Hirt ¹

Resumo: A cultura indígena no Brasil tem sua identidade pouco conhecida, sabemos que eram eles os primeiros habitantes do Brasil, que quando Pedro Alvarez Cabral chegou a então Ilha de Vera Cruz, se deparou com os “donos do Brasil” que eram possivelmente da etnia Guarani. O que às vezes não se sabe é que por muitas vezes somos inseridos em sua cultura e eles na nossa, podendo haver uma grande troca de conhecimentos. Por meio de uma entrevista com uma moradora foi relatado alguns conceitos históricos da vida da comunidade kaingang da terra indígena Queimadas.

Palavras-Chave: Cultura Indígena, Etnia, Kaingang, comunidade

Introdução

Tendo em vista a importância que o assunto requer, o seguinte artigo científico vem resgatar a história indígena no Brasil, dando uma maior ênfase para a situação da etnia kaingang mais especificamente na localidade da terra indígena Queimadas, localizada na cidade de Ortigueira – PR.

O presente artigo leva em consideração a linha do tempo desde o descobrimento à situação atual dos nossos indígenas, às vezes esquecidos, mas a verdadeira raiz do nosso povo Brasileiro.

Através deste conhecer a realidade de uma aldeia indígena localizada na cidade de Ortigueira - PR, essa aldeia conta com uma comunidade indígena da etnia kaingang com aproximadamente 500 pessoas, respeitando os costumes e a linguagem kaingang, mesmo sendo inseridos na Cultura do “branco”, tendo inclusive aulas de bilingüismos desde o 1º ano das series iniciais.

Em se tratando de educação do campo ainda por muitas vezes é tratada de forma equivocada, com um conceito, que induz a acreditar que a mesma é sinônimo de atraso e precariedade. Podemos considerar povos do campo Sem-terras, moradores atingidos por barragens, indígenas, Quilombolas entre outros.

Por meio deste artigo tentar-se-á aproximar mais o leitor sobre as questões indígenas que por muitas vezes se encontram incluídas na nossa própria sociedade e por muitas vezes não damos conta de conhecer e/ou aceitar essa cultura que foi e é tão importante para nós como cidadãos brasileiros, pois se trata de uma verdadeira identidade nacional.

Breve resgate histórico Indígena no Brasil

Quando se refere à história indígena no Brasil, parte-se pelo ponto em que, ao chegar a terra onde hoje é o Brasil, Pedro Álvares Cabral se deparou com os “os donos do Brasil”, mas quantos eram? Como viviam?

Apesar da dificuldade de se fazer estimativas, acredita-se e muitos autores afirmam que, na época da chegada dos portugueses, em 1500, havia entre 800 mil a 5 milhões de índios no Brasil (Kennedy e Perz, 2000, apud MOTA e ASSIS, 2008).

Na época do descobrimento e até hoje a cultura indígena é dividida em diversas etnias cada um com suas especificidades e com sua língua. Quando Cabral pisou nas praias da Bahia, possivelmente teve contato com povos falantes da do tronco lingüístico Tupi que dominava praticamente toda costa brasileira. O Brasil

ainda possuía os falantes do Guarani que ocupavam o litoral sul do Brasil e as bacias do Paraguai, Uruguai e do Paraná, os falantes do tronco Macro-jê ocupavam as serras e os planaltos do interior do Brasil central, com exceção de povos que viviam no litoral do Espírito Santo, e dos Jê do sul (kaingang e Xokleng) que ocuparam as terras do planalto sul - brasileiro. MOTA e ASSIS (2008).

Realidade indígena atual no Brasil

Após a colonização européia, os povos indígenas do Brasil vivem hoje em áreas indígenas pequenas demais para poderem manter seus hábitos de caçada e extração extensiva. Com esta nova situação os povos do sul do Brasil vivem em um contato diário com a sociedade envolvente, o que resulta muitas vezes em um confronto direto, mas não com armas como antigamente, mas num confronto de discriminação e incompatibilidade.

Por eles serem, hoje, a minoria e a história do Brasil não pode ser revertida, só lhes resta procurar por novos caminhos que lhes proporcionam um futuro digno sem desvalorizar seu passado.

Segundo Urban (1998, p. 90, apud Assis 2008, p. 80) “Vivem, atualmente no Brasil, aproximadamente 220 povos indígenas que falam em torno de 170 línguas diferenciadas”

As populações indígenas submetidas ao Censo do IBGE (2000) viviam em áreas próprias denominadas terras indígenas, hoje podemos encontrar populações indígenas inseridas em bairros periféricos de grandes e médias cidades, podemos assim, chamar em alguns casos de “aldeias urbanas”.

Comparando o censo de 1991 e 2000, pode-se observar que houve um aumento na população que se declarava indígena. Segundo antropólogos esse fenômeno pode ser explicado pela constituição federal de 1988 nos seus artigos 231 e 232.

Art. 231. São reconhecidos aos índios sua organização social, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens. (Constituição – República Federativa Do Brasil 1988, p. 150)

Art. 232. Os índios, suas comunidades e organizações são partes legítimas para ingressar em juízo em defesa de seus direitos e interesses, intervindo ao Ministério Público em todos os atos do processo. (Constituição – República Federativa Do Brasil 1988, p. 151)

Pode-se ainda creditar esse aumento à visibilidade de comunidades até então “invisíveis”, além do incremento populacional devido ao crescimento vegetativo, isto é, maior número de nascimentos do que morte, à migração de populações indígenas de outros países, como Bolívia, Peru e outros para grandes centros urbanos, como São Paulo, por exemplo, os acessos à comunidade indígena à medicina e qualidade de vida pouco melhor a que havia antes da constituição, por exemplo.

Segundo Grupioni (1998) quando se trata de organização social, as aldeias refletem bem como acontece em cada etnia. Observam-se famílias que moram todas em uma só casa comunal (como os Yanomani), em conjuntos de casa próximas (caso dos Araweté, Guarani e Parakanã) ainda em outras se verifica que há um conjunto de casas fica em um lado da aldeia e outros do outro lado, formando metades que se completam.

Após conversa com a comunidade indígena, dentre elas pessoas mais vividas, pode-se perceber que as atividades econômicas variam muito, dependendo da comunidade indígena a ser estudada. Em algumas aldeias a organização do

trabalho ainda resiste à cultura própria, na qual, atividades ligadas à agricultura são femininas e as de caça e pesca masculina. Em outras um pouco mais inseridas, na cultura do “branco” que é o caso da terra indígena Queimadas, as mulheres geralmente são encarregas do artesanato, produtos que são confeccionados por eles mesmos, e os homens participam da agricultura e inclusive alguns trabalham fora da comunidade indígena.

Conclui-se que os povos indígenas do Brasil são parte fundamental e atuante na nossa história seja ela no passado, presente ou futuro. Sempre respeitando costumes que vem sendo passados de geração em geração e também, sendo incluídos gradativamente na comunidade dos “brancos”.

Histórico da etnia Kaingang

Os Kaingang no Brasil se concentram na região sul (Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina) e no estado de São Paulo. Sua área de ocupação compreende a extensão territorial entre o rio Tietê (SP) e o rio Ijuí (RS), anteriormente seus domínios se estendiam, para oeste, até San Pedro, na província argentina de Misiones.

Estima-se que a população indígena da etnia Kaingang seja de aproximadamente 29 mil pessoas, sendo assim, formam um dos cinco povos indígenas mais populosos do Brasil. (Portal Kaingang, 2006)

ÁREA INDÍGENA	UF	POPULAÇÃO KAINGANG
Apucarantina	PR	1.350
Barão de Antonina	PR	460
Cacique Doble	RS	820
Carreteiro	RS	350
Faxinal	PR	470
Guarita	RS	6.100
Ibirama	SC	20

Icatu	SP	15
Inhacorá	RS	1.010
Iraí	RS	350
Ivaí	PR	1.000
Kondá	SC	300
Ligeiro	RS	1.900
Mangueirinha	PR	1.500
Marrecas (Guarapuava)	PR	390
Mococa	PR	80
Monte Caseros	RS	80
Nonoai	RS	2.100
Palmas	PR	660
Pinhal	SC	120
Queimadas	PR	500
Rio da Várzea	RS	375
Rio das Cobras	PR	1.750
São Jerônimo da Serra	PR	380
Serrinha	RS	2.000
Toldo Chimbanguê	SC	600
Vanuíre	SP	90
Ventarra	RS	270
Votouro	RS	1.200
Xapecó	SC	2.900

Fig. 1 Aldeias indígenas da etnia Kaingang no Brasil/Populações

Fonte: www.portalkaingang.org

Segundo TOMMASINO (2006) os índios Kaingang são uma sociedade Jê Meridional que foi submetida entre a segunda metade do século XIX e início do XX. Apesar dos índios Kaingang viverem de forma aparentemente semelhante à população brasileira, ou como eles nomeiam o branco, os Kaingang mantêm seus próprios sistemas simbólicos e organização social.

Os kaingang mesmo inseridos em um processo de transformações sociais e até mesmo culturais, devido ao contato cada vez mais próximo aos “brancos”, mesmo assim, preserva a língua, alguns hábitos alimentares, estilo de habitação tradicional para a sua cultura, designação metades clânicas para a divisão que marca a distinção mais importante entre membros na sociedade Kaingang, sendo assim buscam destacar a associação das metades KAME e KANHRU, (VEIGA apud TOMMASINO, 2006).

Segundo TOMMASINO (2006) esse dualismo expressa-se na mitologia, nos rituais, nas noções sobre pessoa e construção do corpo e nas relações sociais cotidianas. As regras sociais definem as relações entre as metades pelo princípio da reciprocidade e da hierarquia entre categorias sociais. Essa pratica acontece da seguinte forma: a metade KAME troca pessoas, objetos e serviços com a metade KANHRU e vice versa. A exemplo disso, o casamento acontece sempre com um KAME com um KANHRU, no ritual dos mortos as categorias sócias de uma metade (rezadores, dançarinos e músicos) prestam serviços cerimoniais à outra metade.

“É possível encontrarmos, na atualidade, relatos bastante claros do que representa pintura corporal, Kaingang e suas diversas finalidades. Ela não é feita somente por vaidade ou por questões estéticas, mas pelos valores que agrega, pelo simbolismo que representa. A pintura corporal, ao ser utilizado durante o rito dos mortos, tem, dentre outras finalidades, a de situar o Kaingang em um lugar do mundo, e de identificar a que metade clânica ele pertence. Portanto a pintura, para os kaingang, [é um código visual de comunicação entre as metades. A pintura facial com motivos compridos define o KAME; os KANHURU pintam-se com motivos redondos. ” (Veiga, 2006: 80,81 apud Silva Et Al 2009: 99)

Na sociedade Kaingang, a regra da filiação ou descendência é patrilinear, em que filhos e filhas de um casal pertencem à metade do pai. Já a regra da residência, onde o casal vai morar, é matrilocal, ao se casar, o genro vai morar na casa do sogro e a ela ficará hierarquicamente subordinado. Neste caso, mesmo que o casal resida em habitação própria, o genro permanece vinculado ao grupo doméstico chefiado pelo sogro. (TOMMASINO, 2006).

Depois de muitas mudanças entre os povos kaingang, atualmente o poder político dentro das terras indígenas está estruturado na figura do cacique e sua liderança. A partir da década de 90, as comunidades Kaingang escolhem caciques e membros da liderança através de eleições. O cacique juntamente com a liderança tem o poder de planejar e organizar os trabalhos comunitários, de controle social interno e, externamente, de representação nas instituições públicas, estaduais ou federais.

Há mais de vinte anos já existe uma instituição indígena que surgiu no Paraná chamada de conselho regional indígena do Paraná (região norte) e o conselho indígena regional de Guarapuava, sendo cada um composto por um presidente e vice-presidente eleitos e formados por todos os caciques das terras indígenas de cada região. As discussões que mobilizam esses conselhos juntamente com as autoridades indígenas são: demandas por aumento de terras, educação intercultural de melhor qualidade, políticas de saúde indígena, programas para erradicação do alcoolismo, alternativas econômicas que promovam a auto-sustentabilidade e respeitam a organização própria dos kaingang, como também, discussões sobre indenizações por impactos de barragens e linhas de transmissão, entre outros assuntos pertinentes às comunidades indígenas.

Terra indígena Queimadas

Os índios da terra indígena queimadas são do grupo étnico kaingang com uma população de aproximadamente 500 indígenas. Localizada nas nascentes do Rio Barra Grande (afluente do Tibagi). Município de Ortigueira, PR.

A terra indígena possuía uma área original de aproximadamente 26.000 hectares tendo sua redemarcação em 1953 possuindo atualmente uma área de 3.077,76 hectares. Na terra indígena Queimadas acontece o cultivo através de uma lavoura mecanizada de milho, feijão, soja, aveia e arroz, mas o principal meio de sobrevivência é o artesanato que comercializam na cidade de Ortigueira, Serra do cadeado (BR – 376 – Rodovia do café), municípios como Curitiba, Ponta Grossa, Apucarana, Maringá. Muitos indígenas saem da terra indígena com sua família para vender os artesanatos por eles próprios produzidos.

Apesar do contato que estabelecem com a comunidade envolvente ainda preservam a língua, o artesanato e algumas tradições e práticas de sua cultura.

É uma comunidade fixa, casam-se segundo os costumes tribais. Cada kaingang tem o seu nome indígena e o nome e sobrenome em português, sabe qual e sua marca e o seu lugar na metade de seu pai, registram nascimento, casamento e óbito no escritório da FUNAI (Fundação Nacional do Índio), localizado na própria terra indígena.

Existem alguns aspectos negativos como o excesso de consumo de bebidas alcoólicas que provocam desavenças e um “rotulo” à comunidade indígena. A maioria não possui escolaridade, gostam de futebol e participam de campeonatos locais e regionais e organizam festas e viagens para os membros da comunidade.

Dentro da própria terra indígena existe um posto de saúde com funcionários brancos e indígenas, a qual possui atendimento de médicos

diariamente. Existe também uma escola estadual onde as crianças têm acesso as series iniciais (1º a 5º ano) e anos finais (6º a 9º ano) e também são inseridos em escolas localizadas na cidade de Ortigueira.

Quanto à religião são divididos entre Católicos e a Missão do Cristianismo Decidido. O compromisso da Missão do Cristianismo Decidido com os povos indígenas do Brasil é de cooperar na sua valorização, conscientização, capacitação e profissionalização. A mesma conta com uma equipe com mais de 25 pessoas em um trabalho bastante diversificado entre os vários povos indígenas.

No dia 10/03/11 foi realizado uma entrevista com a Dona C.P.G. possível moradora mais antiga da terra indígena Queimadas, sendo relatada dessa forma.

Dona C. P. G., nascida no dia 09/11/1933 na Terra Indígena Queimadas, cidade de Ortigueira – Paraná, com 77 anos, sendo a possível moradora mais velha da terra indígena, é viúva, e tem uma prole de 8 filhos vivos e 5 falecidos, perfazendo um total de 13 filhos, com mais de 30 netos e nem sabe mais a quantidade de bisnetos.

Dona C. nos relatou que ocorreu muitas mudanças na cultura Kaingang que os índios de seu tempo viviam de uma alimentação natural, pois eles consumiam alimentos retirados diretamente da natureza ou do plantio da agricultura como: milho, amendoim, feijão, abóbora, batata-doce, mandioca etc. Esta agricultura era de forma bem rudimentar, pois utilizavam a técnica da coivara (derrubada de mata e queimada para limpar o solo para plantio). Desta forma, conseguiam obter alimentos isentos de agrotóxicos ou de outros produtos químicos. Dona C. mantém uma lavoura nas proximidades de sua casa ainda prefere os alimentos sem aditivos químicos. E que os índios atuais já não utilizam mais essa prática preferindo os alimentos dos não-indígenas.

A dança foi extinta, e a um grupo de jovens índios que estão fazendo esse resgate da dança mas os passos não são os mesmo de seu tempo.

O ritual da cerimônia de enterro também ocorreu modificação, antes era feito pelo pajé que fazia uma oração na língua Kaingang, hoje não fazem mais esse ritual a oração é feito na língua portuguesa como é feito nas tradições dos não-indígenas.

Dona C. vive atualmente da aposentadoria, mas sua renda familiar era da venda de artesanato saia para vender cidades de grande e médio porte como Curitiba, Ponta Grossa, Apucarana, Maringá entre outras. Ela ainda faz artesanatos mas acaba vendendo para seus familiares que saem para vender nas cidades e alguns dos indígenas estão vendendo os artesanatos em São Paulo.

A habitação indígena eram ranchos feitos por troncos de árvores e cobertas por palhas de palmeira ou coqueiro e usavam o lampião. Há cinco anos foram construídos pela COAPAR casas em alvenaria, nesse projeto a dois modelos de casas uma com janelas de vidros e outra com janelas de madeiras e com isso a energia elétrica também chegou em suas casas.

O pajé (curandeiro e líder espiritual da terra indígena) é um homem idoso, Dona C. ainda pede orientação no processo de cura de algumas doenças pois não gosta de ir ao hospital. O pajé muitas vezes faz um ritual utilizando a queima de ervas e plantas secas e joga sobre o corpo do paciente.

A vida escolar também mudou os índios ficavam período integral almoçava, tomava café e jantava na escola e era um barracão todos estudavam, e respeitavam os professores porque naquela época ficavam de castigo.

Dona C. acha que os indígenas estão mais interessados na cultura dos não-indígenas. O problema é que os professores ensinam os valores dos não-indígenas e os jovens param de respeitar as tradições.

Considerações Finais

Conclui-se que, a realidade indígena atual se encontra bastante modificada com que diz respeito ao início, tendo em vista a chegada dos portugueses ao Brasil. Atualmente tenta-se manter alguns aspectos culturais ainda vivo e permanentes no cotidiano indígena como, por exemplo, a língua materna (kaingang). Com relato da entrevista pode-se observar que também ocorreram grandes modificações a partir da inclusão da cultura dos “ não indígenas” em sua cultura.

Contudo, por ainda serem a minoria e fazerem parte da história nacional, procuram novos caminhos para uma vida digna sem se esquecer de sua cultura e valores.

Senso assim, após a conversa com a entrevistada varias questões foram esclarecidas e lembradas, pois com a vivencia da Dona C. na aldeia, pode-se observar um contexto histórico desde a criação da terra indígena, a gradativa perda de alguns fatores de identidade indígena e a inserção da cultura do branco na vida da sociedade indígena.

Referências bibliográficas

Cad. Cedes, Campinas, vol. 27, n. 72, p. 117-120, maio/ago. 2007. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>, acessado em 15 de setembro de 2011.

Constituição – **República Federativa Do Brasil 1988**, Ministério da Educação, 1988.

GRUPIONI, Luis D. B. [Et al] **Índios no Brasil** – 4.ed, São Paulo, Global, MEC, 2000.

MOTA, Lucio Tadeu, ASSIS, Valeria Soares de, **Populações indígenas no Brasil – histórias, culturas e relações interculturais**, UEM, Maringá, 2008.

PPP Da Escola Estadual Indígena Cacique Crispin Gy Mu



Ministério da Educação
Universidade Federal do Paraná
Setor Litoral



PORTAL KAINGANG, disponível em: <http://www.portalkaingang.org/> acessado em 30 de março de 2011.

SILVA, Andre L. Freitas Da. [Et al], **Kanhgág Ag Vënh Kógan Var Ag Vënhgrén – Pintura e Dança Kaingang**, Santo Ângelo, Rio Grande Do Sul: Ediuri, 2009

TOMMASINO, Kimiye. **Os Kaingang no Paraná: Aspectos Históricos e Culturais**. Cadernos Temáticos, SEED, Curitiba, 2006.